



LUTO E MELANCOLIA EM AZUL-CORVO, DE ADRIANA LISBOA
MOURNING AND MELANCHOLY IN AZUL-CORVO, FROM ADRIANA LISBOA

Marcos Celso Prado Santana¹

DOI: 10.26512/aguaviva.v3i1.12193

Recebido em: 28 abr. 2018

Aceito em: 29 mai. 2018

RESUMO: Este artigo busca compreender, a partir de uma perspectiva psicanalítica, as manifestações de experiências de luto e melancolia na obra *Azul-corvo* (2010), de Adriana Lisboa. Evangelina e Fernando, protagonistas da obra analisada, sintetizam o que o psicanalista Sigmund Freud trabalha em sua obra *Luto e Melancolia* (1974): Evangelina vivenciando em sua experiência de vida o luto, e Fernando, a melancolia.

Palavras-chave: Luto; Melancolia; Ditadura; Psicanálise.

ABSTRACT: This article seeks to understand, from a psychoanalytic perspective, the experiences' manifestations of mourning and melancholy in *Azul-corvo* (2010), from Adriana Lisboa. Evangelina and Fernando, protagonists of the work analyzed, synthesize what the psychoanalyst Sigmund Freud points in his work *Mourning and Melancholia* (1974): Evangelina living in her life the experience of mourning, and Fernando, the experience of melancholy.

Keywords: Mourning; Melancholy; Dictatorship; Psychoanalysis.

Viver nos traz, em diversos níveis, muitas experiências, boas e ruins. E é salutar que, entre tais experiências, as que experimentamos como boas em um dado momento podem se tornar ruins em outro e vice-versa, num complexo jogo, num emaranhado do qual não sabemos o que virá a seguir. A vida humana é marcada por constantes mudanças. Sendo assim, as experiências pelas quais passamos, sejam quais forem, tem, em potencial, uma dupla consequência: positiva ou negativa, triste ou feliz, satisfatória ou não.

¹ Psicólogo (UnB, 2006), Especialista em Teoria Psicanalítica (UniCeub, 2012). Mestrando do curso de Mestrado em Literatura pela UnB – Universidade de Brasília. E-mail: marcoscelso@yahoo.com.br



Contudo, será tal afirmação verdadeira para todas as experiências que vivemos? O que dizer das experiências de perda? Perda de um ente querido, pela morte ou pela separação? Ou da mudança de um local no qual vivemos nossa vida inteira? O que se dirá da perda da liberdade, da perda de direitos fundamentais? O que se dirá da perda do amor próprio, da perda da honra, da perda de valores? Tais perdas, ocorrendo nos mais diferentes contextos, nas mais diferentes situações, podem sim ser transformadoras e até vitais para a manutenção da vida. São inúmeras as variáveis a serem consideradas, mas uma coisa é certa: as experiências de perda estão entre as mais duras, as mais difíceis, as que mais demandam capacidade de adaptação a nova realidade.

Uma adolescente perde sua mãe. O que esperar? Profunda tristeza? Depressão? Desespero? Nada mais natural, tendo em vista a situação devastadora da qual se trata a perda de uma mãe. A falta de um pai poderia ser um fator que agravasse tal sentimento, uma vez que essa menina não conhece seu pai? Mas suponhamos que justamente essa falta, a do pai, transforme-se em fuga da realidade da perda atual, imediata, a perda recente da mãe e converta-se em motor da busca dessa adolescente pelo pai que nunca viu; suponhamos ainda que nessa busca, o encontro com várias pessoas até então praticamente desconhecidas (incluindo o ex-marido de sua mãe, que ainda que não fosse seu pai biológico e nem que morasse com sua mãe à época de seu nascimento, aceitou registrá-la como filha) seja essencial em seu processo de crescimento, de desenvolvimento e de superação do luto pela morte da mãe.

Tal é, em resumo, o enredo de *Azul-corvo* (2010), de Adriana Lisboa. A morte de Suzana, mãe de Evangelina (chamada Vanja) é o ponto inicial do romance, pois a partir de tal fato decorrerão a mudança de Evangelina do Brasil para os EUA (do Rio de Janeiro para o Colorado), a busca por seu pai biológico e o encontro com Fernando, pai que consta em seus registros e que, mesmo não sendo seu pai biológico, a acolherá como filha. Em meio a isso, são relatadas no romance as experiências de Fernando como guerrilheiro na Guerrilha do Araguaia², fato histórico ocorrido no Brasil em plena época da Ditadura Militar.

Nos relatos da guerrilha, o enredo sofre uma guinada, e a narrativa, que até então centrava-se na história de uma menina adolescente e a perda de sua mãe, a ida da mesma para

2 A Guerrilha do Araguaia foi um movimento guerrilheiro existente na região amazônica brasileira, ao longo do rio Araguaia, entre fins da década de 1960 e a primeira metade da década de 1970. Criada pelo Partido Comunista do Brasil (PCdoB), tinha por objetivo fomentar uma revolução socialista, a ser iniciada no campo, baseada nas experiências vitoriosas da Revolução Cubana e da Revolução Chinesa.



os EUA e sua adaptação em um ambiente novo, diferente de tudo ao qual estava acostumada, passa a ser a narrativa de homens e mulheres que lutam desesperadamente por um ideal, a libertação de seu país de um regime autoritário, ditatorial, que retira direitos e liberdades fundamentais. A violência do Estado é contraposta a violência de guerrilheiros que valem-se de armas para cessar o presente regime imposto, regime esse essencialmente violento. O Araguaia é descrito no romance como “uma região pobre, abandonada pelo poder público, e que seria palco de conflitos violentos por causa da coexistência de fazendeiros, madeireiros, sem-terra, garimpeiros, índios, trabalhadores escravizados, pistoleiros, traficantes de drogas” (LISBOA, 2010, p. 91).

Sobre o impacto que tiveram as ações dos guerrilheiros na vida da população do Araguaia, é importante notar que

uma parcela significativa de araguaianos decidiu pelo caminho da resistência e perfilaram-se ao lado da guerrilha no sentido de desfraldarem a defesa do povo pobre, da luta pela terra e pelos direitos daqueles que viviam abandonados no interior do país. Formularam uma agenda, um programa que expressava as reivindicações mais sentidas da região as quais, por sua natureza, eram semelhantes às de outras muitas zonas pobres do Brasil rural da época (FONTELES, 2017)

Ou seja, a ação guerrilheira é compreendida pela população e até mesmo aceita como reação a um Estado que utiliza da violência não somente contra a guerrilha mas contra eles próprios, na medida em que nega a essa mesma população direitos fundamentais, como saúde e educação, através da omissão e do descaso. Os guerrilheiros são aceitos por essa população tendo em vista que “é difícil negar legitimidade a certas ações de grupos dominados, em situação de desespero, que envolvem a violência cometida contra pessoas” (MIGUEL, 2015, p. 41). A violência como reação passa a ser compreensível e até mesmo esperada

violência dos oprimidos transita como demonstração de uma inconformidade que não tem como se expressar de outra forma, pois, quando se expressa de forma ‘aceitável’, está endossando exatamente as estruturas que precisaria combater (MIGUEL, 2015, p. 37).

Portanto, há na narrativa da participação de Fernando na Guerrilha do Araguaia um jogo onde a violência encontra-se presente em ambos os lados do tabuleiro, e ausente na narrativa



de Evangelina. Ela vive radicalmente diferente de Fernando, assemelhando-se muito mais a um conto de fadas, onde uma menina sai de um local pobre, subdesenvolvido e vai morar no país mais rico e poderoso política e economicamente da Terra. São muitos os contrastes existentes e trabalhados na narrativa do romance (Brasil X EUA, Rio de Janeiro X Colorado), mas todos eles são pano de fundo para o contraste maior, entre Evangelina e Fernando, entre felicidade e tristeza, juventude e idade adulta, imaturidade e maturidade, luto e melancolia.

Todo o romance (com exceção dos relatos da guerrilha) transcorre durante a passagem de Evangelina por um processo de vivência e superação do luto, haja vista a morte de sua mãe. Na superação de sua tristeza, sua mãe ocupou papel de destaque, uma vez que, ainda viva, participou desse processo de vivência do luto com sua filha, uma vez que sabia que iria morrer. Ao invés de se entregar à dor e ao desespero, auxiliou sua filha na superação da separação iminente, conversando com ela, tirando suas dúvidas, enfim, desmistificando essa que é a experiência da qual nada sabemos, tudo desconhecemos, a morte. Preparada para sua morte, pôde preparar Evangelina, e embora seus pensamentos não sejam narrados no livro, depreendemos, pela reação de Evangelina, que Suzana estava resignada, preparada.

Minha mãe morreu como avisou que ia morrer e não demorou como avisou que não iria demorar e depois disso nada mais foi como antes [...]. Existia uma luta ali, uma guerrilha interna: não ter pena de mim mesma [...]. Uma coisa havia acontecido, e essa coisa tinha dois aspectos distintos dependendo da forma como se olhasse para ela. Minha mãe também me havia explicado tudo isso (LISBOA, 2010, p. 54).

A racionalidade do que vem a seguir é inesperada vinda de uma adolescente de apenas 12 anos que acaba de perder a mãe. Entre as escolhas possíveis, há uma escolha, racional, lógica, de não se afundar na tristeza, de não sucumbir ao desespero, mas de seguir em frente, de encarar a perda da mãe como “um acontecimento entre os inúmeros acontecimentos que pipocam no mundo a todo instante” (LISBOA, 2010, p. 55). Ora, tal escolha, de conscientemente negar a tristeza, de escolher não ficar triste porque a tristeza, o desespero, a depressão, não seriam a melhor opção dentre as diferentes possibilidades, nem sempre é possível.

Fernando parece representar essa impossibilidade, essa dificuldade em lidar com situações de perda e superá-las. Havia recebido treinamento na Academia Militar de Pequim nos anos sessenta, aprendendo técnicas de guerrilha junto com outros militantes do PC do B,



convencido que estava que a ditadura militar brasileira só seria vencida por meio da luta armada. Estudante de geografia na Universidade de Brasília, ingressou na Ação Popular, tendo sido preso uma ou duas vezes (LISBOA, 2010, p. 42-45). De maneira que, quando teve que escolher entre preservar a sua vida ou a de amigos e amor no Araguaia, não deve ter sido nada fácil escolher, ainda que o caminho da autopreservação seja absolutamente compreensível. Não foi fácil porque este não é o caminho daquele que escolhe o caminho do guerrilheiro, como Fernando escolheu. Este é preparado para dar sua vida, se necessário for, na defesa de seu ideal, a luta contra a exploração capitalista. Nas palavras de Ernesto “Che” Guevara, pronunciadas em um discurso de 1967:

Se a nós, os que num pequeno ponto do mapa do mundo cumprimos o dever que preconizamos e pomos a disposição da luta este pouco que nos é permitido dar: as nossas vidas, o nosso sacrifício, toca-nos algum destes dias lançar o último suspiro sobre qualquer terra, já nossa, regada com o nosso sangue, saiba-se que medimos o alcance dos nossos atos e que não nos consideramos nada mais que elementos no grande exército do proletariado, mas sentimo-nos orgulhosos de ter aprendido da Revolução Cubana e do seu grande dirigente máximo a grande lição que emana da sua atitude nesta parte do mundo: "que importam os perigos e sacrifícios dum homem ou dum povo, quando está em jogo o destino da humanidade". Toda a nossa ação é um berro de guerra contra o imperialismo e um clamor pela unidade dos povos contra o grande inimigo do gênero humano: os Estados Unidos da América do Norte. Em qualquer lugar que nos surpreenda a morte, bem-vinda seja, sempre que esse, o nosso berro de guerra, tenha chegado até um ouvido receptivo e outra mão se estenda para pegar nas nossas armas, e outros homens se aprestem a entoar os cantos fúnebres com rajadas de metralhadoras e novos berros de guerra e vitória (GUEVARA, 1990, p. 105).

Sendo assim, a deserção de Fernando deve ter provocado em seu espírito, em seu ser, um conflito entre a luta por um ideal e a luta por sua própria sobrevivência. Ao escolher lutar por si mesmo, abandonava ideais acalentados durante muito tempo, durante sua adolescência, abandonava toda uma vida investida na preparação e no aperfeiçoamento próprio como combatente que luta em prol de uma coletividade, em prol de princípios e convicções aperfeiçoadas em um treinamento militar na China e que seriam, finalmente, postos em prática na guerrilha. Ainda mais levando-se em conta que, além de estar abandonando ideais, estava também abandonando um amor cultivado na guerrilha, o amor de Manuela, codinome utilizado por Joana (LISBOA, 2010, p. 81).



Evangelina descreve Fernando como alguém que “não gostava de gente” (LISBOA, 2010, p. 61), como alguém que, em suas duas atividades, como segurança de biblioteca e como faxineiro (trabalho informal que realizava nas horas vagas) era alguém com cara de poucos amigos, que não via problemas em “algumas horas de não interação com a humanidade” (LISBOA, 2010, p. 62). Evangelina descreve que a alma, a personalidade de Fernando estava em seus braços, descrevendo em seguida atividades laborais que o mesmo executava, sempre enfatizando o trabalho braçal, mecânico e automatizado com o qual era feito, denotando assim o distanciamento de Fernando com o que lhe rodeava (LISBOA, 2010, p. 98), pois este “olhava sempre para algum lugar que me parecia estranho e longe dali. Fernando parecia estranho e longe dali. Mas esse era ele, de modo geral” (LISBOA, 2010, p. 108). Quando ele fala de si mesmo, é para dizer para Evangelina que

você sabe como é a vida [...] você acorda um dia e tem cinquenta anos de idade e já perdeu a vontade de fazer coisas, de andar por aí, de procurar um lugar no mundo porque a verdade é que o mundo é uma porra de um lugar selvagem do cacete. Não vale a pena. Não faz diferença (LISBOA, 2010, p. 80).

Sob o olhar de Evangelina e sob o olhar de si mesmo, Fernando é alguém desacreditado com a vida, alguém que perdeu as esperanças, que deixa que a vida o leve porque essa vida é dura demais. Ele parece alguém que vive por viver, alguém que, de certa forma, continuou preso em algum lugar do passado, vivendo o presente apenas pela inércia de estar vivo. Descreve-se como alguém acostumado (LISBOA, 2010, p. 62 e 106) com o que a vida lhe oferece, aceitando e se adaptando sempre aos acontecimentos, sendo muito mais moldado pelos acontecimentos do que moldando-os. Comporta-se como alguém vencido, derrotado, rendido, alguém que lutou mas que enfim cedeu ao peso imposto pela vida, ao peso imposto por suas escolhas e por seu destino traçado em decorrência delas.

Tal atitude é bem diferente, como já destacado, da atitude de Evangelina. Ainda que esta tenha perdido a mãe e que esteja frente a uma situação na qual se lança ao desconhecido, esta faz isso de bom grado, por acreditar que, caso não tivesse feito o que fez, seria como “um osso que cola torto” (LISBOA, 2010, p. 65). Teria sido isso o acontecido com Fernando? Teria ele “colado torto”? Sua decisão de abandonar seus ideais, seus companheiros e seu amor no Araguaia teriam, ao invés de ter salvado sua vida, tê-la perdido? Perdido não no sentido físico, mas psicológico, uma vez que a vida de Fernando ficou tão marcada por tal acontecimento?



Ao nos depararmos com tais questionamentos de ordem psicológica, Sigmund Freud pode nos fornecer importantes esclarecimentos. Ao analisar as reações humanas a situações de perdas, Freud distingue duas reações distintas: o luto e a melancolia, ambas atuando em nível inconsciente³. O luto ele descreve como a reação normal de tristeza que se segue a perda de um objeto amado mas que logo em seguida será superada. Já a melancolia ocorre quando tal tristeza não é superada, impedindo aquele ou aquela de desenvolverem atividades da mesma maneira que dantes desenvolviam. Nas palavras de Freud:

O luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante. Em algumas pessoas, as mesmas influências produzem melancolia em vez de luto; por conseguinte, suspeitamos de que essas pessoas possuem uma disposição patológica. Também vale a pena notar que, embora o luto envolva graves afastamentos daquilo que constitui a atitude normal para com a vida, jamais nos ocorre considerá-lo como sendo uma condição patológica e submetê-lo a tratamento médico. Confiamos em que seja superado após certo lapso de tempo, e julgamos inútil ou mesmo prejudicial qualquer interferência em relação a ele. Os traços mentais distintivos da melancolia são um desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade, e uma diminuição dos sentimentos de auto-estima a ponto de encontrar expressão em auto-recriminação e auto-entulhamento, culminando numa expectativa delirante de punição. (FREUD, 1974, p. 275 e 276).

Com tal descrição do que vem a ser o luto e a melancolia em mente, torna-se imperioso pensarmos em Evangelina e Fernando, respectivamente, como modelos dessas condições descritas por Freud. Evangelina vivenciou seu luto e o superou através da busca por seu pai e de todos os desafios inerentes a tal busca, como a mudança de país, de cidade, de grupo familiar, de amigos, de escola, de língua, enfim, de tudo que pudesse ser-lhe caro. Evangelina não ficou

³ A psicanálise freudiana foi sistematizada enquanto teoria por Sigmund Freud (1856-1939), médico austríaco que, nos primórdios de sua carreira, ao observar o método de tratamento das pacientes histéricas empregado por Jean Martin Charcot (1825-1893), impressionou-se com os resultados obtidos a partir da hipnose. Começa a utilizar a hipnose, passando posteriormente ao emprego do método de associação livre, permitindo aos pacientes falar livremente tudo que lhes viesse à mente. Observa que, tanto nos sonhos como em atos falhos e também nos chistes, havia um “componente estranho” que surgia na fala e ao qual o próprio sujeito analisado não se dava conta. Começa a surgir aí uma das mais importantes contribuições freudianas ao entendimento do ser humano, o conceito de inconsciente, sistematizado por Freud como instância na qual desejos, conflitos, impulsos, motivações interagem constantemente num fluxo vivo e intenso de energia psíquica que direciona e até mesmo determina o comportamento humano.



imersa em sentimentos de dor e tristeza, antes superou todas as dificuldades na busca por um sonho, ainda que este fosse vago e não completamente definido.

Já Fernando parece encontrar eco nas palavras de Freud, quando este descreve o melancólico como alguém que sofre de um desânimo extremamente pesado, que perdeu o interesse pelo mundo externo (o que fica evidente nas falas deste sobre acomodação com o mundo), perda da capacidade de amar (verdadeiramente, tanto que, se Evangelina não tivesse ido ao seu encontro, provavelmente morreria sozinho), inibição de toda e qualquer atividade (ou fazer estes de modo automático, sem prazer, como parece ser o caso das atividades exercidas por Fernando, tanto como vigilante de biblioteca quanto de faxineiro), diminuição dos sentimentos de autoestima a ponto de encontrar expressão em autorrecriminação, buscando assim, de alguma forma, algum tipo de autopunição.

Sobre esse último ponto da descrição freudiana de melancolia é importante destacarmos que, mais à frente em sua análise, Freud observa que

Se se ouvir pacientemente as muitas e variadas auto-acusações de um melancólico, não se poderá evitar, no fim, a impressão de que freqüentemente as mais violentas delas dificilmente se aplicam ao próprio paciente, mas que, com ligeiras modificações, se ajustam realmente a outrem, a alguém que o paciente ama, amou ou deveria amar. Toda vez que se examinam os fatos, essa conjectura é confirmada. É assim que encontramos a chave do quadro clínico: percebemos que as auto recriminações são recriminações feitas a um objeto amado, que foram deslocadas desse objeto para o ego do próprio paciente (FREUD, 1974, p. 280).

Estariam, portanto, as recriminações de Fernando feitas a si, ao seu destino, sendo feitas, em nível inconsciente, não a si mesmo, mas a outrem? O episódio no qual Fernando teve medo pela primeira vez nos fornece uma pista. Foi num momento em que ele encarou a morte de frente, lá pelos idos de 1972, com a guerrilha já adiantada, as tropas do governo sendo cada vez mais ostensivas na luta contra os guerrilheiros, e então Fernando parece dar sinais de que, além de sentir pela primeira vez o medo, percebe que a luta na qual estava empenhado estava fadada ao fracasso. “Pela primeira vez ele comentou com Manuela que, em sua opinião, a guerrilha não tinha como dar certo” (LISBOA, 2010, p. 119). Esta ideia, que surge primeiro incipiente, sem força, irá de repente adquirir o status de convicção. Tanto que, em setembro de 1973, durante uma das ações dos guerrilheiros, Fernando parou. Estava caminhando com seus companheiros e com Manuela quando parou. E ao parar, pensou em



toda sua vida até ali, em seu treinamento em Pequim. Pensou em seus companheiros e os viu como fantasmas, pois ele, com sua mente estrategista, preparada, aguçada, capaz de analisar o contexto dos acontecimentos, sabia, como já exposto a Manuela, que o destino da guerrilha era a derrota. E então ele parou. E ao parar e pensar nisso tudo, se viu e se colocou longe dali, “longe de tudo, inclusive de si mesmo” (LISBOA, 2010, p. 183). Então, embrenhou-se na mata e dali foi para Goiânia, Goiás e depois para Londres, onde conheceria em algum tempo, Suzana, mãe de Evangelina, aquela que o faria crer que seu próximo destino seria os EUA.

Seria então, como Freud apontou, a melancolia de Fernando causada não pela fuga, pela deserção em si, mas pela constatação da falibilidade de sua missão? A constatação que sua luta era inócua e que, fizessem o que fizessem, os guerrilheiros estavam fadados a morte, sendo já vistos por ele como “fantasmas andando no meio da mata” (LISBOA, 2010, p. 183)? Sua convicção de que a tirania da Ditadura Militar só seria vencida por meio da luta armada teria sido vencida pela brutalidade do regime? Mais que isso, seus ideais teriam sido vencidos pelo medo, medo que começou naquela guerrilha, medo que surgiu da convicção da força do inimigo perante os revoltosos? Sendo assim, sua melancolia dirige-se, como Freud aponta, não para si mesmo, inicialmente, mas para outrem, para um objeto amado (seus ideais, seus sonhos e aspirações, sua vida guerrilheira, vida combatente, vida de luta) o qual foi perdido, frustrado, e, através dessa frustração e da recriminação a essa frustração, seguiu-se a recriminação de si mesmo. Algo semelhante a “como fui tão idiota a ponto de crer nisso?”. Sendo assim, as recriminações que Fernando dirige a si seriam recriminações a tudo aquilo que ele um dia acalentou como possível e que redundaram em fracasso e morte. Suas esperanças em seus ideais morreram e em consequência suas esperanças em si mesmo morreram também. Portanto, a fuga de Fernando, para muito além de ter sido um ato de covardia, foi um ato de fria análise, no qual ele, como estrategista treinado nas melhores escolas, verificou, através das evidências postas, o iminente fracasso da guerrilha, confirmado um mês após sua fuga, quando seus companheiros seriam massacrados pelo exército brasileiro, em uma violenta operação de repressão conhecida como Operação Sucuri (LISBOA, 2010, p. 183), da qual se seguiu posteriormente a Operação Marajoara e que acabou por exterminar os últimos focos do movimento guerrilheiro no Araguaia (LISBOA, 2010, p. 206).



Judith Butler⁴ aponta que “viver é sempre viver uma vida que é vulnerável desde o início e que pode ser colocada em risco ou eliminada de uma hora para outra a partir do exterior e por motivos que nem sempre estão sob nosso controle” (BUTLER, 2009, p. 52). Ou seja, a vida humana é precária, tênue, frágil e sua sustentação depende em grande medida do interesse daquele que outorga para si o direito de escolher, de apontar, de selecionar quais vidas devem ser preservadas e quais vidas são descartáveis. Este, o Estado, ainda que ofereça como legado a determinados indivíduos uma vida de miséria, uma vida de opressão e de sofrimento, nega-lhes direitos fundamentais como saúde e educação; limita a contestação, os protestos, a oposição, tecendo leis que protegem interesses próprios de uma pequena elite que advoga a si o direito a vida em detrimento de uma massa de miseráveis ao qual o sofrimento e a morte são não só esperados como desejáveis.

A condição compartilhada de precariedade conduz não ao reconhecimento recíproco, mas sim a uma exploração específica de populações-alvo, de vidas que não são exatamente vidas, que são consideradas “destrutíveis” e “não passíveis de luto”. Essas populações são “perdíveis”, ou podem ser sacrificadas, precisamente porque foram enquadradas como já tendo sido perdidas ou sacrificadas; são consideradas como ameaças à vida humana como a conhecemos, e não como populações vivas que necessitam de proteção contra a violência ilegítima do Estado, a fome e as pandemias. Conseqüentemente, quando essas vidas são perdidas, não são objeto de lamentação, uma vez que, na lógica distorcida que racionaliza sua morte, a perda dessas populações é considerada necessária para proteger a vida dos “vivos” (BUTLER, 2009, p. 53).

Os guerrilheiros, naquele momento histórico, foram considerados como vida descartável, e Fernando, percebendo isso, temeu a morte pelo exército, e fugiu. Quando a morte alcançou Fernando não foi pelas metralhadoras, revólveres ou pistolas, mas sim de forma banal, corriqueira, narrada por Evangelina de forma direta: “o corpo do Fernando um dia pifou enquanto ele tomava um café, numa pausa do trabalho, e foi tudo” (LISBOA, 2010, p. 216). O luto de Fernando pelos acontecimentos na Guerrilha do Araguaia não foi superado e a melancolia decorrente marcou sua vida aparentemente até seu fim.

⁴ Sobre a utilização da psicanálise por Judith Butler, salientamos que “a abordagem butleriana da psicanálise se deu, mais centralmente, pelo uso da leitura freudiana sobre a melancolia, a fim de articular os processos psíquicos de introjeção e identificação com objetos de amor perdidos, que resultam na formação melancólica — e, por causa disso, generificada — do eu” (LIMA; VORCARO, 2018, p. 474). Ou seja, a utilização do pensamento de Judith Butler aqui justifica-se pela sistematização feita por ela, a partir da psicanálise, do conceito de melancolia.



Portanto, ainda que as perdas sejam uma constante em nossas vidas, existem formas diferentes de se lidar com tais perdas. Vivenciar o luto, entendendo-se este como reação normal e por vezes até esperado a situações de perda, ou vivenciar a melancolia, entendendo-se esta como reação que ultrapassa o luto em grau de sofrimento e conseqüentemente em prejuízo ao sujeito, são possibilidades dentro daquilo que denominamos como atitudes humanas. Todos estamos suscetíveis a encarar situações de perda das formas mais diferentes e inesperadas. Fernando aparentemente vivenciou profundamente a melancolia (ainda que provavelmente nunca tenha dado conta disso) enquanto que Evangelina fez de sua vida, marcada por constantes perdas, uma oportunidade de superação do luto em direção ao seu desenvolvimento pessoal. Aprendemos com a psicanálise que tais reações muitas vezes não dependem unicamente do sujeito que sofre, pois somos seres marcados por uma instância que está acima de nossa escolha consciente, de nossa escolha racional, ou seja, o inconsciente. Ainda assim, termos em mente que as mudanças são uma consequência natural da vida pode tornar a vivência da perda menos dolorosa. Citando uma poesia muito conhecida de Camões, “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades / Muda-se o ser, muda-se a confiança / Todo o mundo é composto de mudança / Tomando sempre novas qualidades”.

REFERÊNCIAS

BUTLER, J. *Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

FREUD, S. Luto e Melancolia. In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974.

GUEVARA, E. Mensagem aos povos do mundo através da Tricontinental. In: *O Socialismo Humanista*. Rio de Janeiro: Vozes, 1990.

FONTELES, P. *O PCdoB e a luta guerrilheira no Araguaia: a repressão*, 2012. Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/noticia.php?id_noticia=180138>. Acesso em: 25 mai. 2018.

LIMA, V. M.; VORCARO, A. M. R. O estranho como categoria política: psicanálise, teoria queer e as experiências de indeterminação. *Psicologia em estudo*, Maringá, v. 22, n. 3, p. 473-484, jul./set. 2017. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/37026/pdf>>. Acesso em: 25 mai. 2018.

LISBOA, A. *Azul-corvo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.



MIGUEL, L. F. Violência e política. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 30, n.88, p. 29-45, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v30n88/0102-6909-rbcsoc-30-88-0029.pdf>>. Acesso em: 25 mai. 2018.